

Ruy do Carmo Póvoas



versoREverso
ΛΕΙΣΟΒΕΛΕΙΣΟ

2003



versoREverso
ΛΕΙΣΟΒΕΛΕΙΣΟ

ASSANCRI
Associação Santa Cruz do Ijexá

CONSELHO EDITORIAL

Alba Cristina Soares
Carlos Alberto Santos Araújo
Consuelo Hagge de Britto Dantas
Dinalva Melo do Nascimento
Jaílton Alves de Oliveira
Líliá Carla Gomes Santana
Luciano Lima Souza
Marcos Salviano Bispo Queiroz
Marlúcia Mendes da Rocha
Maria Aparecida Santos Aguiar
Maria Consuelo de Oliveira Santos
Marialda Jovita Silveira
Raimunda Silva d' Alencar
Reinaldo do Carmo Póvoas
Zueine Souza Santos

DIRETORIA

PRESIDENTE: Ruy do Carmo Póvoas
VICE-PRESIDENTE: Reinaldo do Carmo Póvoas
1.ª SECRETÁRIA: Maria Lúcia Góes Brito Santos
2.ª SECRETÁRIA: Zueine Silva Santos
1.º TESOUREIRO: Edivaldo Souza
2.º TESOUREIRO: Ângela Maria Póvoas da Silva

COORDENAÇÃO
Edivaldo Souza (Fadori)

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Ruy Póvoas

ILUSTRAÇÃO
Osmundo Teixeira Filho

REVISÃO
Raimunda Silva d' Alencar
Maria Luiza Nora

SUPERVISÃO TÉCNICA
Maria Schaun

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL
Adriano Lemos

Ruy do Carmo Póvoas

versoREverso


Editora da UESC

2003

© 2003 by Ruy do Carmo Póvoas

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (073) 680-5028 - Fax (073) 689-1126
<http://www.uesc.br> e-mail: editus@uesc.br

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
PAULO GANEM SOUTO - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
RENATA PROSÉRPICA FONTES LIMA - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA
CRUZ
RENÉE ALBAGLI NOGUEIRA - REITORA
MARGARIDA CORDEIRO FAHEL - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS
MARIA LUIZA NORA

CONSELHO EDITORIAL:

ANTONIO ROBERTO DA PAIXÃO RIBEIRO
DÁRIO AHNERT
DORIVAL DE FREITAS
ERONILDA MARIA GÓIS DE CARVALHO
FERNANDO RIOS DO NASCIMENTO
FRANCOLINO NETO
LINO ARNULFO VIEIRA CINTRA
MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES
MARIDALVA PENTEADO
PATRÍCIA DA COSTA PINA
PAULO DOS SANTOS TERRA
REINALDO DA SILVA GRAMACHO
ROSANA LOPES
ROZEMERE CARDOSO DE SOUZA

EQUIPE EDITUS

DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL: JORGE MORENO;
REVISÃO: MARIA LUIZA NORA;
SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO: MARIA SCHAUN;
COORD. DE DIAGRAMAÇÃO: ADRIANO LEMOS;
DESIGN GRÁFICO: ALENCAR JÚNIOR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P879 Póvoas, Ruy do Carmo.
Versoreverso / Ruy do Carmo Póvoas ; [coordenação
Edivaldo Souza]. - Ilhéus, Ba : Editus, 2003.
Paginação irregular.

ISBN 85-7455-063-9

1. Poesia brasileira - Coletânea. I. Título. II. Souza,
Edivaldo.

CDD B869.91

Ficha catalográfica: Silvana Reis Cerqueira - CRB5/1122



AGRADECER,

antes de tudo,

a quem bem merece:

Aos que me permitiram
o contato de alma para alma,
para que o poema fluísse.

Aos artistas grapiúnas
que não permitiram
o silêncio abraçar
meus versos.

Especialmente:

Alba Cristina

Aldo Bastos

Carlos Betão

Eva Lima

Geny Xavier

Jackson Costa

Jaílton Alves

José Delmo

Marcos Cristiano

Mark Wilson

Nevolanda Pinheiro

Ramon Vane

Valmir do Carmo

Zé Henrique

Zélia Possidônio



À memória
de Mãe Deija,
que primeiro
me alimentou
com seu leite
maternal.





Para Fadori,
que desde o primeiro dia
resolveu me acompanhar.





Aqueles que seguem
o caminho
onde suas coisas não estão
jamais em tal caminho
suas coisas acharão.



AS AGONIAS

Inconsciente

Projeção

Eureca

Consumição

Descoberta

Fófoca

Imago

Verdade

Questionamento

Madrugada

Aniversário

Psicalgia

Saudade

AS FRONTEIRAS

Recado

Paraíso

Bahia

Recordação

Cantiga

Balada

Retrato

Bruxaria

Grafiúna

AS INTIMIDADES

Liberdade

Segredo

Aprisionamento

Assentamento

Parlenda

Amanhecer

Teimosia

Confiança

Repetição

Consulta

Ciranda



AS AGONIAS



INCONSCIENTE

Há esse outro
em mim:
não me conhece
e não entende
minha fala.

A lógica aprendida
no mundo,
na escola,
até agora
ele ignora
e não pode me ouvir.

Fazer o quê
nessa hora,
se sou corcel
e ele, espora,
me carregando
por tempos abismais?



Restam sonhos
(retalhados),
sintomas
(despedaçados),
atos falhos
(vislumbrados)
no meio de muitos ais.

E vou tateando
no escuro,
apalpando o negro muro,
onde entalhes me revelam
as fendas de mim mesmo,
numa estrada sinuosa
que não acaba nunca mais.



PROJEÇÃO

Havia um espelho enorme,
onde o Leão se mirava
todo dia.

O Leão falava,
eu vibrava;
o Leão urrava,
eu aplaudia.

E um dia,
cansado de me ver
no Leão que eu refletia,
quebrei o espelho
em mil pedaços...
O Leão se espalhou
nos meus espaços,
saiu de mim,
embrenhou-se em outros laços,
subiu no palco,
buscando os aplausos
que queria.

Com as mãos feridas
pelas garras do Leão,
vou varrendo os estilhaços,
vou limpando aqueles traços,
desmanchando aquele rosto,
dissolvendo a imagem falsa
da pessoa que eu queria.



EURECA

O limite de mim mesmo
impediu que eu escalasse
as paredes do meu muro
e escancarasse de vez
as cavernas do meu fim.
Anos a fio, encalacrado,
numa luta desigual,
de repente foi assim:
mergulhei no meu escuro,
para maior dos meus espantos,
achei as chaves de mim.



CONSUMIÇÃO

Meu mundo é de água
e de terra também,
o fogo me cria,
o ar me faz bem.

E vou percebendo
as cores do mundo
e vou me sentindo,
emoções me engolfando,
e vou conhecendo
sensações me arrumando
e vou navegando
pensamento veloz.

Nas curvas de mim,
o fôlego me falta
nesta água escaldante
virando vapor
e o fogo me passa
um imenso delírio
e a terra me prende
em eterno abrigo
e eu revivendo,
sozinho, comigo,
a eterna lembrança
de um sonho de amor.



O ar e a água
que me deram vida
são mundos de encantos
e me chamam atenção:
o primeiro me leva
no dorso da luz
e o segundo me arrasta
por mares profundos,
em êxtases e dores
do meu coração.



DESCOBERTA

À revelia de mim
(nem sequer me perguntou),
o Tempo, sem piedade,
o meu rosto mapeou.

Desfolhou minha cabeça,
aumentou minha barriga,
diminuiu o meu fôlego,
aumentou minhas saudades,
mistura de mel e sal,
num travo de amargor.

Depois, devagarinho
(para que eu não percebesse),
me jogou num labirinto
e minha existência definhou.

E quando dei conta de mim
(descobri boquiaberto),
Senhor Tempo, espertamente,
fez de mim corpo cansado,
e de um tecido amarrotado
me vestiu a fantasia
neste corpo de senhor.



FOFOCA

Dizem:

Deus deu beijo
no nada
e o estalido gerou
o big-bang universal.

Dizem:

Do estado,
o melhor é a capital.

Dizem:

A vovozinha
às vezes entala
na goela do lobo mau.

E de mim?

Dizem

(pouco importa,
não faz mal)...

Se eu não gostar de mim,
vou gostar do meu igual?



IMAGO

Ah, domingo morrinhento,
este espelho agourento!

Fiz meu domingo um espelho,
no frio cristal me mirei.
As mãos transbordam acenos,
a boca sabe a veneno,
os olhos sonham, profundos,
desejando um novo mundo,
onde eu queria ser rei.

O coração derramando,
mil pedaços me faltando
e outra vez me mirei...
Ainda faltam espaços,
mas se eu tivesse o que falta,
mais faltariam pedaços
na falta do que sonhei.



Oh, ingrato e morrinhento,
verdadeiro e dominguento,
infel espelho meu,
existe alguém incompleto,
mais complexo
do que eu?

Existe, sim:
o apegado ao complexo
ou aquele que já morreu.
Um, porque ajuntou;
o outro, porque dissolveu...

Ah, domingo espelhento!
Ah, espelho dominguento!



VERDADE

Tuas palavras pesam
de verdade,
sejam elas de raiva,
de ciúme, de amor.
Se tu és o meu igual,
o que dizes sobre mim,
na verdade,
isto eu sou.



QUESTIONAMENTO

Quem?

Quando?

Como?

Onde?

Por quê?

Sabe a resposta?

Não?!

Uma banana...

O mal do mundo

é ter de dar

explicação para tudo.



MADRUGADA

O sussurro de sua voz,
tão forte que doeu,
acordou minha outra voz,
clamores desenhados,
desejos cristalizados
no mapa do corpo meu.

E a noite me sufoca
qual serpente traiçoeira
entre rochas esfaceladas,
onde a vítima se escondeu.
No quarto de amor vazio,
na cama de lençol frio,
a esperança se esvaiu
e o tempo me esqueceu.



ANIVERSÁRIO

Parabéns, parabéns!
Nesta data expedida,
que Deus te abençoe
com muita saúde
e mil anos de vida!

Oh! Oh! Oh!

Flores no jarro,
amigos na sala,
cartões e presentes,
abraços e beijos,
Celine nos ares,
a voz de canário,
me lembra ser só.
Bolo na mesa,
velinha assoprada,
champanhe estourada,
comes e bebes,
do bom e melhor.

Em mim, a espera
do sonho, já antigo,
que custa chegar.
No peito, esta ânsia
de coco no ralo,
puba na prensa,
feijão no moinho...
Mas Deus proverá!



PSICALGIA

Hoje, acordei
com a estranha sensação
de ser apenas uma dor
nesta encarnação.

Dor no corpo,
corpo de dor,
vida sem dia,
dia sem vida,
dia de dor,
de vida doída,
dor de amor.



SAUDADE

O mundo hoje está vazio,
porque você se partiu
dentro de mim.

E o deserto da rua
avulta o mármore
plantado na memória.

Corre o rio da vida,
mais seco agora,
levando outra página
desta amarga história.



AS FRONTEIRAS



RECADO

Digam a Portugal:
Volte e cubra de novo
esta terra do Brasil.
Por que a descobriram,
se todo descoberto,
mais tarde, sente frio?

Bastava o vigia
não gritar “terra a vista”,
ou o comandante
não achar aquela pista,
e a trajetória da terra
seria uma História bonita.

Digam por lá, também:
O negócio continua
com o preço de “terra a vista”,
e não há mais pra ninguém.
(Aqui pra nós: bem que tem,
embora se encontre a prazo,
somente pra compradores
que se venderem também.)



PARAÍSO

Ser feliz?

Não há mistério...
Fazer o que gosta,
morar onde gosta,
viver com quem gosta,
não ter agonia,
trabalhar e viver.

Dançar no terreiro,
morar na Bahia,
viver com você.



BAHIA

Espadas de eterno fogo
juntaram todas as águas,
imaginando um presente,
quando Deus lembrou da terra
e veio morar com a gente.

Sonhando com uma festa
de sua eterna alegria,
em mandalas de espelhos,
barro, barroco e magia,
o Divino mandou Tomé
pra inaugurar a Bahia.

Que mistério existirá
entre espadas e espelhos,
entre dança e cantoria,
que gente de outros cantos
não se esquece da Bahia?



Segredo vindo do fogo,
espadas de mil espelhos,
espelhos que trazem o fogo,
o fogo que junta as águas
no barroco da magia.

No fio da espada, o fogo;
no meio do fogo, o espelho
e do espelho deságua
a cachoeira barroca,
de índios, negros e brancos,
desta divina Bahia.



RECORDAÇÃO

Beijada por mil ondas,
encantada e seduzida
por estrelas que metralham
amores de muitos mundos
e falas de muitas fadas,
Ilhéus queda adormecida,
pela lua cheia embalada.

O sopro lento do terral
traz-lhe um coro de sussurros
dos beijos em estalidos
dos bichos do manguezal.

No ar, um cheiro espalhado
dos perfumes do cacau,
que nem a França divina
produzirá outro igual.
É o odor do teu corpo,
chamado irrevogável
de leito nupcial.



E eu, distante do sono,
expatriado da cama,
louco para voltar
para a madrugada divina,
para a lua cheia menina,
esparramada no mar.

E ouvir de novo a orquestra
da briga de mil espadas
na copa dos coqueirais,
misturada ao som das ondas
ansiosas por te banhar,
em procissão de vestais.

Ilhéus, eterna invasora
dos sonhos de quem se foi
e deixou a alma por lá,
sempre guardas um canto
nas águas de teus encantos,
pra quem deseja voltar.



CANTIGA

Tuas águas se encontram
na mesma barra do mar,
espumas do Cachoeira
nas águas de Iemanjá.
Entre elas, o Redentor,
Cristo plantado na pedra,
pronto para abraçar,
fitando o fim do horizonte,
onde está a negra fonte
das forças de Oxalá.

Teu Pontal, postal divino,
rebordado em ponto cheio,
do outro lado do mar,
recordações dos coqueiros
matados por traiçoeiros,
lembranças de areias brancas,
escondidas sob o cais,
verrugas negras no mar.



Teu Morro de Pernambuco,
eterno desafiar
as vagas enfurecidas
que querem te rebentar,
namorando Pedra de Ilhéus,
um cuscuzeiro emborcado
que nunca quis se casar.

E os ricos, Ilhéus-Rainha,
concentrando teu dinheiro,
entregando-te ao estrangeiro,
não te vêem, não te admiram,
nem têm tempo pra te amar.



BALADA

A barra escancarada
engolindo o Cachoeira,
as ondas encapeladas
desgastando tua areia,
o vento desbragado
espancando teus outeiros.

Os falsos e aventureiros
carregando teu cacau,
os governos impiedosos
devorando teu dinheiro,
alguns filhos traidores
entregando-te ao estrangeiro,
e certos ricos miseráveis
engendrando mil pobres
hã chorando de enfrentar
tuas célebres fortalezas.



São Jorge, santo divino,
plantado em teu altar.
Oxóssi, de santo tino,
pronto para caçar.
Jorge Amado, branco fino,
em negras letras a bradar.

A barra matando o rio,
a onda roubando a areia,
o vento a te espancar
são brigas da Natureza,
só servem para te enfeitar.
Mas a ganância dos homens
são forças que te consomem
sem nunca se saciar.



RETRATO

Herdeira de nobre nome,
ex-riacho e escoadouro
de um passado todo em ouro
da riqueza do cacau,
hoje, torto intestino
cumprindo lento destino
de avenida e canal.

Artéria esclerosada,
passarela fugidia
de uma fauna apressada,
caminheiros em agonia:
lambe-lambe e flanelinha,
motorista e cachorro,
ambulante e meota,
cambista e trombadinha,
pedinte e verdureiro,
desfilante e carroceiro,
burro, cavalo e jegue,
meliante e suplicante,
num eterno formigueiro,
na sina de todo dia.



BRUXARIA

Uma bruxa danada
passou por aqui,
com sua vassoura,
fazendo plim-plim.
Espalhou pó de pamba
nos cacaueiros,
acabou o dinheiro
dos fazendeiros,
deixou todo mundo
na quebradeira
da catarineta
do virabrequim.



GRAPIÚNA

Este rio é minha memória
o cordel de minha estória
minha sela e minha espora
criador de lavadeiras
cevador de areeiros
salvação de pescadores
arquivo de minha história
intuição de meus artistas
um riscado no meu chão
divisor de meu espaço
diástole de meu tempo
sístole de minha fome
minha artéria esclerosada
quadro-negro da escola
sobre o qual estão os versos
de minha gênese e de meu fim.

Este rio é minha sorte
com ele aprendi a vida
com ele estudo a velhice
com ele adivinho a morte
na corrida para as águas
do oceano que há em mim.

AS INTIMIDADES



LIBERDADE

Ainda porei as mãos
em ti, ó Liberdade!
Será após construí-la em mim,
tijolo por tijolo,
pedaço por pedaço,
emoção e sentimento,
ponto, linha, traço.
Aí, voarei pelos espaços
do meu mundo
e farei amores nos espaços
da opressão daqueles
que nunca viram nem sentiram
tuas asas, ó Liberdade!
E vou sorrir, sonhar, viver:
você comigo;
eu com você.



SEGREDO

Na vida,
a maior loucura
que fiz
foi não cometer
a loucura
necessária
para ser feliz.



APRISIONAMENTO

Eu sou
uma gargalhada
entalada
na garganta de Deus,
por isso sou assim.
Qualquer dia desse,
alguém faz uma cócega
debaixo do braço,
ele dá a gargalhada
e me solta neste mundo,
pelos séculos sem fim.



ASSENTAMENTO

Memória e sentimento,
vagueando por aí,
procurando onde morar,
de repente descobriram
eu andando por aqui,
nos campos do imaginar.
Invadiram meus espaços,
lotearam meus pedaços
com técnicas de assentar
e se confundiram comigo,
travestidos de mim mesmo,
com arcas, baú e surrão,
empilhados no porão
dos campos do meu guardar.



PARLENDIA

Um silêncio de ovo
amargando no peito,
um desejo coalhado
espinhando na boca,
um gesto empedrado
ensaiado de novo,
um rosto vidrado
nas paredes do tempo,
invasão dos seus olhos
no sacrário meu.

Pedaços e traços
me levam nos braços,
me enredam nos laços
do destino seu.



AMANHECER

O leite da manhã envolve o mundo
e me acorda para a festa.
A vida lateja na terra e no ar,
no fogo e na água
e me convida para a alegria.
O céu e a terra se embriagam
e me tomam para a dança.
Mas sua lembrança
é mel e é sal
e me arrasta para longe.
A festa de hoje virou agonia
e o sol do seu rosto
não amanhece o meu dia.



TEIMOSIA

Mamãe ensinou
que eu teimasse,
mas não apostasse.

Aí, eu temi
e tudo apostei
no que vi e ouvi,
nos termos da lei.

Resultado:
A lei caducou,
a imagem esvaiu
virada em miragem
e se dissipou.

O som que escutei?
Uma fantasia...
Nada do dito
fazia sentido
e eu me acabei
de tanta agonia.
Tá vendo?!



CONFIANÇA

Mergulhado em silêncios,
giletes amoladas,
nublados horizontes,
o olhar cansado
abraça os montes:
lembranças abrasivas
de vontades abortadas,
de sonhos interrompidos,
de projetos inacabados.

Sobram sedes,
faltam fontes.

Envolta em neblinas,
certeza peregrina
guardada no coração:
o olhar do amigo
cava a fonte
e move o monte
com ternura e mansidão.



REPETIÇÃO

Já te disse tudo.
Disse com meu sorriso,
disse com meu olhar,
disse com minhas mãos,
disse com meu cantar.
Disse com minhas crises,
disse com os meus textos,
disse com o meu corpo,
disse com o coração.
Disse com minha glória,
disse com minha história,
disse com o meu medo,
disse com devoção.
Disse com minha alma,
disse com minhas dores,
disse com meus temores,
disse com minha calma,
disse com meu sofrer.
Agora, fico calado,
mas até meu silêncio
é outra forma de dizer.



CONSULTA

Quem me viu
no oculto ato
de ter tomado
outro rumo na estrada?

Quem percebeu
a amarga parceria
com a mágoa magoada
que se apossou de mim?

Quem me sentiu
ausente do verso
que deixei de compor,
quando a inspiração sumiu?

Quem me notou
aos trapos, morrinhento,
enfrentando o rompimento
daquele grande amor?

Cadê, na galeria,
os amigos de janela,
companheiros de favela,
colegas de esguelha,
camaradas de seqüela,
compadres de senzala,
parceiros de mazela?
Cadê?



CIRANDA

Vem,
minha esquiva *Sombra!*
Toma assento
na roda viva do meu dia:
vida desarrumada,
sentimento em alvoroço,
inquieta o coração,
agonia do vazio,
sozinha em minhas mãos...

Na cabeça,
o silêncio de Oxóssi,
caçador do eterno tempo,
buscando pistas perdidas
das caças escapulidas,
lembranças de muitos ais.

Nas pupilas,
a faísca do relâmpago
do amor em corda bamba
no vento de Oyá,
um eterno vem e vai.



Lá atrás, os que já foram
juntam vozes e fazem coro,
ritmando o coração.
Na ciranda, dançam juntos
o meu sol e a minha lua,
o meu pai e a minha mãe,
meu amor com teu amor,
sentimento com razão.

E vamos juntos, nesta dança:
tu, nos esconsos do meu mundo,
mastigando rejeição;
eu, barragem de pedra e ferro,
renegando a tua ação.

Mas agora,
tua face é meu espelho
e neste escuro, onde me vejo,
teço o tempo em nova rede,
costurando a aceitação.



REversORE REversOREversOREversORE
REversORE REversOREversOREversORE
REversORE REversOREversOREversORE
REversORE REversOREversOREversORE

REversorE REversorEversorEversorEversorE
REversorE REversorE REversorE REversorE
REversorE REversorE REversorE REversorE



Zélia Possidônio
Zé Henrique
Valmir do Carmo
Ramon Vane
Nevolanda Pinheiro
Mark Wilson
Marcos Cristiano
José Delmo
Jaílton Alves
Jackson Costa
Geny Xavier
Eva Lima
Carlos Betão
Aldo Bastos
Alba Cristina
Especialmente:
meus versos.
o silêncio abraçar
que não permitiram
Aos artistas grapiúnas
para que o poema fluísse.
o contato de alma para alma,
Aos que me permitiram
a quem bem merece:
antes de tudo,
AGRADECER,



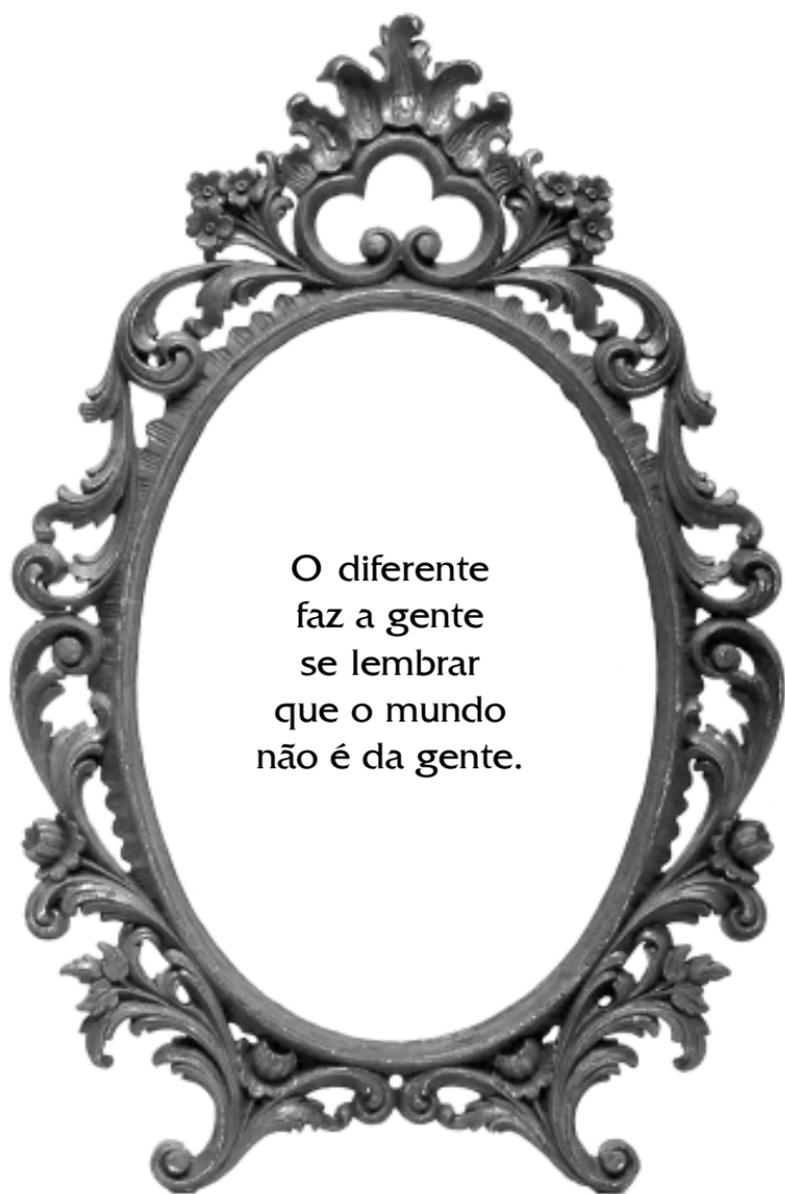
À memória
de Mãe Deija,
que primeiro
me alimentou
com seu leite
maternal.





Para Fadori,
que desde o primeiro dia
resolveu me acompanhar.





O diferente
faz a gente
se lembrar
que o mundo
não é da gente.



AS INVENÇÕES

Ditado
Arco-íris
Telefonema
Olhado
Sensatez
Itinerário
Provação
Metáfora
Dicionário
Ignorância
Camafeu

AS MANDALAS

Fantasia
Segurança
Pensamento
Sentimento
Transformação
Ruminância

AS QUIZILAS

Icu
Ingenuidade
Ofensa
Madorna
Parabéns
Efeito

Rompimento

Agenda

Lagarta

Perdedeira

Existência

AS REZAS

Contemplação

Salmo

Ikoloji

Clamor

Ladainha

Confiança

Reconhecimento

AS INVENÇÕES



DITADO

Quando acordei

(vírgula)

o mundo estava

coberto de cinza

(ponto)

Agora

(vírgula)

quero dizer uma coisa

até banal

(dois pontos)

ai de ti

(vírgula)

cinzentador

(exclamação)

As cinzas te engolirão

também

(ponto final)



ARCO-ÍRIS

arco
íris
a
cor
de
Deus
a
cor
do
divino
colorido
dos
olhos
teus



TELEFONEMA

É você?

Às vezes, não sou...

Como vai?

Às vezes, não vou...

Como está?

Às vezes, não estou...

Puxa!

Puxei, mas quebrou...

Ah, você hoje...

E o hoje chegou?

Ah, não falo mais nada!

E você já falou?

Olhe, depois eu ligo.

Nunca se ligou.

Clic!

Clicou...



OLHADO

Olha o olho
fáisca no olho
óleo e alho
usura no olho
olhado
vidrado
usurário
invejoso.

Olha o olho
ausência no olho
recife e abrolho
água no olho
olhado
molhado
sofrido
saudoso.



SENSATEZ

Dois olhos
(veja bem),
dois ouvidos
(ouça bem),
duas narinas
(respire bem),
dois pés
(pise bem),
duas pernas
(ande bem),
duas mãos
(segure bem).

Uma boca...

Por quê?

Para duas coisas

de vez:

calar e dizer.



ITINERÁRIO

Excursão:

o mundo é uma bola.

Planisfério:

o mundo me espera.

E rodo o mundo
que me embola
em corda bamba,
cai, não cai.

Recomposição:

o mundo é uma estória.

Exploração:

o mundo é uma glória.

E na viagem
(ida e volta),
minha história.
Não sei se vou
(e passam as horas),
não sei se fico
(Nossa Senhora).



PROVAÇÃO

Prova mensal
prova de fogo
prova dos nove
prova final.

A mão no queixo
o queijo na mão
objetiva
subjetiva
discursiva
reprovação.

A prova da vida
deixa de fora
a prova da escola
que nada provou.

Prova eu,
prova você,
provamos nós
que nada mudou.



METÁFORA

A pia do tempo
pingava ferrugem,
esquecida no canto,
sem serventia.

Olhos de espanto
avistaram a pia,
gritando ao mundo:
a pia é o homem
e o homem é a pia.

A ferrugem do tempo
pingava da pia
e a boca assombrada,
num riso acanhado,
sofrendo, dizia:
“Achei a metáfora,
ferrugem do homem,
no canto da pia.”



DICIONÁRIO

Repositório
idiosincrático
do léxico.

Gente, o que é isso?!
Coisa de gente besta,
não passa de confusão...

Vai pro inferno,
com tua definição.



IGNORÂNCIA

Sapo cantando
em grande agonia,
faz festa de noite
e dorme de dia.
Em vozes plangentes,
em tons diferentes,
os sapos cantando
eterna modinha:

“Segura de lá,
agarra de cá,
atraca, maninha!
Segurou? Segurei!
Segurou? Segurei!
Segurou? Segurei!
Segura, “mãeinha!”

E a lagoa, calada,
escura, fechada,
nem se incomodando
com a saparia.



CAMAFEU

Na oração absoluta,
quem sou eu?
Um sintagma nominal,
gravado num camafeu.
Sujeito de um só núcleo,
sem adjunto algum,
com dois verbos no futuro
num tempo que encolheu,
igual serpentes numa haste,
formando um caduceu.





AS MANDALAS



FANTASIA

(dos filhos do FOGO)

Eu sou o brilho do sol,
o centro do mundo sou eu.

Que importa

a luz

o gás

o fone

a água

o cheque

o horário

o tempo

a pingueira

a azia

o doutor?

Não sei para onde vou,

sei que vou por aí:

mudar de vida,

desfolhar margarida,

arranjar outro amor.

Sem dúvida ou abalo,

arrumar a sacola,

me mudar pra São Paulo.

Abrir nova trilha,

aventura em Brasília,

dormir em Araxá,

acordar em Belém.

Talvez voltar

ou ficar no além.



SEGURANÇA

(dos filhos da TERRA)

E por trás daquilo que vejo?
E por trás daquilo que ouço?
E por trás daquilo que sinto?
E se o doce tiver outro gosto?
Se o retrato for uma miragem
e a verdade tiver outro rosto?

Vão além dos cinco sentidos
os perfis da vida e do gozo?
O caso de amor mais sentido
vai além de grande alvoroço?
Que fazer de certo na vida,
pra sair do fundo do poço,
se a Luz, barrada na Sombra,
não supera os limites do corpo?



PENSAMENTO

(dos filhos do AR)

Pensar a vida,
pensar a sorte,
pensar a luta,
pensar a morte.

O concreto e o abstrato,
o certo e o errado,
a mesa e a cama,
o vivido e o sonhado.

No fundo da terra
ou no firmamento,
navegam as ondas
do meu pensamento.

Na facilidade
de me comunicar,
até com o sol
que já se escondeu,
me basta pensar
caminhando no tempo,
cavalgando nas nuvens
desse mundo meu.



SENTIMENTO

(dos filhos da ÁGUA)

Na gota da chuva,
na lágrima pingando,
na fonte minando,
no regato correndo,
a esperança sem fim:
um imenso oceano,
um sentimento profundo
latejando em mim.

A asa da pomba,
a coroa da rosa,
a poeira do chão,
a lembrança sofrida,
a mágoa sentida,
a fiel solidão
são coisas gravadas
no mundo calado
da gaiola de ouro
do meu coração.



TRANSFORMAÇÃO

Das profundezas
dos espaços infinitos,
vem, Plutão,
bendito arcano,
e ajuda a dissolver
este padrão.

Clareia a caverna,
ilumina a famosa sombra
do ardiloso escorpião.

Desobstrui as artérias,
desarma as arapucas
e ciladas do coração.

Dissolve o ressentimento,
a mágoa e o apego,
o vazio e a ilusão.

Acaba com o sofrimento
do esquecido de si mesmo,
na prensa da solidão.



RUMINÂNCIA

Hoje, sou touro
compondo o frenético
zodiaco da vida.
Desço às águas
profundas do rio
dos olhos meus,
mugindo minhas ânsias.
Esse outro rio,
pasto de indiferenças,
passa ao largo.
Avoluma sentimentos
nas corredeiras agitadas
e eu fico em terra,
ruminando seguranças.



AS QUIZILAS



ICU

Ei! Psiu!

Vai chegar o seu momento,
que o universo marcou.

A outra vai plantando
e eu venho atrás, recolhendo,
tudo que ela ajuntou,
cegando os campos maduros
que minha famosa sombra,
apelidada de Vida,
toda alegre e colorida,
com ilusão, enfeitou.



INGENUIDADE

Veio vindo, sorrateira...
Veio vindo, bem maneira...
Veio vindo devagar...
Encolhida pelos cantos,
envergonhada de si,
não sabia nem falar.
Mal passou pela cortina,
gritou alto:
“É um assalto!
Passe a vida pra cá!”



OFENSA

Espada na mão,
desconfiado de tudo,
lá vai esse povo
com um medo do Cão.

E tudo é pesado,
com tudo se ofende
e descobre ofensas
no riso, no mote,
na piada, no trágico,
no beijo, no grito,
no aperto de mão.

E o bom do viver,
o sal da amizade,
escorrega nas gretas,
se espalha no chão.

Depois, esse povo
se benze, se encruza,
quando ouve falar,
mesmo de longe,
no nome do Cão.



MADORNA

A festa acabou,
todos se foram,
nada ficou.
Copos vazios,
toalha manchada,
pilhas de pratos,
ossuário de aves
imoladas na véspera,
devoradas na festa,
com sofreguidão.
Esperança esvaída,
desengano curtido,
a sala vazia
e nada mudou
depois da ilusão.



PARABÉNS

Quem dera as flores falassem,
quem dera o tempo mudasse,
quem dera pudesse eu dizer,
quem dera a terra falasse,
quem dera o mar me levasse,
quem dera eu visse você.

E nas asas de um passarinho
saído do meu sonhar,
lhe mando uma banda da Terra
e mais outra banda do Mar,
meu mundo de sentimento,
as ondas de minha emoção,
voando pelos espaços,
na voz do meu coração.

E junto conta por conta,
delas fazendo um rosário,
com os meus sinceros votos
de Feliz Aniversário.

O resto eu digo depois,
me cabe agora rezar.
E neste seu grande dia,
receba com o meu carinho
a bênção de Oxalá.



EFEITO

Fica a face apedrejada
pela palavra proferida,
mas a boca apedrejante
fica também ferida.

E muito mais dilacerada
fica a boca emudecida,
por não dizer ao outro
as dores de sua ferida.

Muito mais ferida ainda
fica a boca equivocada
de quem quis dizer “te amo”
e o outro ouviu “não és nada”.

Mais dolorida é a boca
de palavra enferrujada,
que ao beijar o amor,
fere com dura espada.

Muito mais que tudo isso
é a boca encalacrada,
uma língua emudecida
com a palavra grudada.



A ofensa, a palavra dura,
a mágoa, a incerteza,
se são ditas, são sabidas
e propiciam a defesa.

Mas a palavra afiada
é arma de muito perigo
e, quem dela sempre faz uso.
pode matar o amigo.



ROMPIMENTO

A criatura se foi?

Ora, bem...

Sinal de que o resto
pode passar também.

Não se passa
sem o mundo todo,
mas sem uma banda

do mundo,
a gente passa
muito bem...



AGENDA

Esta bola de sorvete,
se esvaindo
pingo a pingo,
como sabe machucar,
como sabe se arrastar,
como sabe ser domingo.

Entala a palavra,
encalacra o poema,
engasga a cantiga,
engessa o dilema.

Mas na agenda do sabido
a coisa é bem diferente:
semana de cinco dias,
um sábado de alegria
e um domingo contente.



LAGARTA

Lá vem a lagarta,
lá vem ela...
Muito esguia,
magricela,
no compasso
das canelas,
passa ruas,
passa praças,
passa becos e vielas.
A lagarta de compasso,
na cadência de seu passo,
veste roupas de flanela.
Lá vem a lagarta,
lá vem ela...



PERDEDEIRA

Reprimido e repressor,
em desatino e desamor
de ancoragem e projeção,
no jogo de meu espelho,
a imagem me assoma.

Tanto maior é a luz,
quanto maior é a sombra.
Num jogo que me seduz,
vou costurando no outro
assombros de minha sombra.



EXISTÊNCIA

A vida nos chega
assim,
aos poucos:
atos falhos costumeiros,
sorrisos de desconhecidos,
telefonemas por engano,
conversas entre crianças,
piscadelas depois do troco.

AS REZAS



CONTEMPLAÇÃO

Um jato de luz
pensou a sela,
mágica invenção
do grande arcano.
Infinitamente sela,
oito deitado,
máscara para olhos,
surgiu na explosão.
E os estilhaços desgarrados,
setas disparadas,
perseguem a imensidão.
Mas um dia, no retorno
ao que era antes,
a grande maçã
vai se rejuntar,
ao comando do arcano
no poder de sua voz.
Aonde eu?
Quando você?
Por que nós?



SALMO

Célula original,
nave de Deus,
resolveu auto-explodir
para formar
um mundo sem igual.

Depois,
fez os dormentes
e em seguida
todos os viventes,
cada qual mais diferente
do modelo inicial.

No centro da diferença
de cada ser imaginado,
plantou a mesma semente
e a todos destinou
retornar ao que era antes
da explosão primordial.



IKOLOJU

Vem,
Orumilá Babá Ifá,
testemunha do destino.
E me diz das feridas
do meu tempo de menino.
Levanta este negro véu
de minha memória
e me informa
onde de mim mesmo
me esqueci.
Desvenda-me o projeto
desenhado no meu céu,
de água e ferro,
de fogo e mel,
escondido na nebulosa
de meu sangue,
misteriosa história
que eu mesmo escrevi.



CLAMOR

Oh, Oxalá!

Ensina a gente se re-ligar
ao divino e eterno *ori*.

Ensina a evitar o ato
que atraí dores,
sofrimento e penar.

Faz acontecer,
na vida da gente,
motivos para sorrir,
comer, beber, dormir,
gostar de viver e sonhar,
cantar teus cânticos,
gozar os espaços
e dar a mão ao outro
na dança da vida,
ser visto e enxergar.

Dá compreensão
no corpo,
na mente,
no espírito,
no coração.

Faz a gente renascer,
para te vivenciar.



LADAINHA

Oyá,
minha mãe,
vendaval da minha cabeça,
me apareça em brilho e luz.
Com a verruma do tempo,
me estabeleça
acima de minhas cercas,
por cima do que seduz.

Me arrebatá aos teus céus,
mas me devolve ao paraíso
contido em mim mesmo.
Toma tua espada de fogo,
risca um traçado
e faz estrada para além
de minhas gavetas
emperradas e repletas.

No fio da seda que me tece,
desenrola meu destino
e me faz ficar adulto
sem deixar de ser menino,
para eu ver sonoridades
e escutar os horizontes.



Com teu grito que sacode
os pilares de meu mundo,
profundezas do sonhar,
vem, Oyá,
grande rainha.

Na velocidade de teu raio,
me parte esta neblina
empedrada em esquina
tão difícil de dobrar.
Me segura em tua mão
de mulher nova, decidida,
Mãe do Fogo
lalodê, lalafin,
Grande Onirá.

Teu nome é chave mágica
e me faz abracadabra
para eu me desvendar.
Vem, Oyá,
Senhora minha,
me acalma a ventania,
confirma os meus caminhos,
onde eu possa me aprumar.



CONFIANÇA

OXALÁ, Meu pai!

O que me deste é penhor
de tudo que me reservas.

Já me falaste bastante ao coração
e eu tenho confiança no teu silêncio.

Tua santa mão divina
esculpiu o meu destino
muito antes de eu nascer.

Se a dor passar por mim,
será com o teu consentimento,
mas tua luz é o meu bálsamo.

Se meu escuro afronta o destino,
tua divindade me faz menino
e me recolhe em teu regaço.



RECONHECIMENTO

Tu não vais cuidar de mim
só depois da tempestade.

Eu sei:

Tu és perfeito!

Tu cuidas de mim sempre,
mesmo antes de eu existir,
mesmo antes de minha ansiedade.

Todas as providências

Tu já tomaste,
embora eu não consiga

lá fora vislumbrá-las.

Limitado por mim mesmo,

vivo a rogar-te,

implorando eternamente

o que já me deste

desde antes de minha finitude

mesmo antes de toda a eternidade.



